

## **A DIVERSIDADE CULTURAL NO ESPAÇO ESCOLAR: SUPERAÇÃO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS SOCIAIS, CULTURAIS E ÉTNICAS.**

Marilene Viana Ribeiro- ICSEZ- UFAM

eneliram\_navlad@hotmail.com

Juliana Cativo dos Santos- ICSEZ- UFAM

Jul\_yana\_18@hotmail.com

Ignês Tereza Peixoto de Paiva- ICSEZ- UFAM

Professora orientadora - ignestereza@hotmail.com

### **Resumo**

Este artigo partiu das observações realizadas no estágio supervisionado II- ensino fundamental realizado no Centro Educativo “Nossa Senhora das Graças”, onde podemos observar a realidade da escola e das crianças que estudam na instituição. Diante das observações, ao realizarmos as regências optamos em escolher um tema voltado ao que presenciamos nas aulas, assim escolhemos como tema para trabalhar Diversidade Cultural: “Somos todos iguais ou diferentes?”, tendo como foco as diferenças culturais- étnicas, sociais, culturais, etc.. Neste sentido, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver. Tendo presente esta problemática, temos por objetivo analisar diferentes concepções de diferenças presentes nas práticas pedagógicas, assim como, identificar aspectos que permitam oferecer aos educadores e educadoras contribuições para trabalhar este tema no cotidiano escolar, defendendo a posição de que as diferenças são características essenciais às práticas educativas e atualmente é cada vez mais urgente reconhecê-las e valorizá-las na dinâmica das escolas.

**Palavras chaves:** diversidade cultural, estágio supervisionado, etnocentrismo, diferenças.

## **Introdução**

O presente artigo aborda o tema Diversidade Cultural, com a temática: “somos todos iguais ou diferentes?”, uma visão do que podemos observar dentro da escola onde realizamos o estagio supervisionado-II, no ensino fundamental.

Poderia parecer fácil e sem obstáculos falar a respeito de diversidade em um país mestiço como o Brasil. No entanto, à qual diversidade nos referimos?

Estas questões surgem quando falamos de diversidade como sinônimo de diferença. As diferenças físicas, étnicas, culturais, de gênero, etárias são um fato, mas não o foco da discussão. O ponto decisivo do debate sobre diversidade neste artigo é a percepção, a reflexão e a atuação sobre os mecanismos sociais que transformam as diferenças em desigualdades, a ponto de apagar a realidade da igualdade na diferença.

Neste sentido, as diferenças são ignoradas ou consideradas um “problema” a resolver, processos identitários no que diz respeito às relações étnico-raciais, sociais, culturais entre outras – que se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, crenças e outros modos de expressão. Vendo esta problemática, temos por objetivo analisar diferentes concepções de diferenças presentes nas práticas pedagógicas em sala de aula, assim como, a partir de observações realizadas no estagio supervisionado-II no ensino fundamental no Centro Educativo “Nossa Senhora das Graças” situado a Rua Romualdo Côrrea, nº 3714, no Bairro de Itaúna II, identificar aspectos que permitam oferecer aos educadores e educadoras contribuições para trabalhar este tema no cotidiano escolar, defendendo a posição de que as diferenças são características, essenciais às práticas educativas e atualmente é cada vez mais urgente reconhecê-las e valorizá-las na dinâmica das escolas.

## **2-Referencial teórico**

### **2.1 Conceito de diversidade cultural**

O grande desafio hoje do contexto escolar, é reconhecer a diversidade cultural como elemento inseparável da identidade nacional e regional de seus educandos, pois esse reconhecimento implica na superação de qualquer tipo de preconceito e ensina o educando a valorizar as especificidades dos grupos que compõem sua escola, seus vínculos afetivos e a sociedade.

Nesse sentido trabalhar com diversidade cultural implica em conceituar: cultura e diversidade.

Cultura é (...) “conhecimentos; crenças; artes; moral; leis; costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. (definição de cultura de Tylor (1871, apud Mair, op.cit.:15-16).

O termo diversidade diz respeito à variedade e coexistência de diferentes ideias, características ou elementos distintos entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. Cultura (do latim *cultura*, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferentes especificidades.

A Diversidade Cultural presente em nosso dia-a-dia convida-nos a conviver com diferenças de todas as ordens, exigindo de todos e cada um a tolerância e o respeito ao diferente. Mas não é fácil reconhecer e aceitar a "diversidade humana". Homens e mulheres, crianças, jovens e adultos são diferentes, pensam de forma diferente e agem de maneira diferente. A verdade é que todas as pessoas são diferentes e isso, muitas vezes, é motivo de violentos conflitos e guerra.

Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. O trabalho com Diversidade Cultural se dá a cada instante, exige que a escola alimente uma “Cultura de Paz”, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania compartilhada por todos. O aprendizado não ocorrerá por discursos, e sim num cotidiano em que uns não sejam “mais diferentes” do que os outros.

Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entraves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação. (PCN, 1998, p.122)

De fato, diversidade, deve ser um fator determinante na construção dos projetos curriculares, a escola deve entender a diversidade cultural (diferentes origens, classes sociais, valores) não como algo que deve ser diminuído, fazendo com que todos pareçam iguais quando não são, mas como algo enriquecedor para um currículo autónomo, e por isso com objetivos específicos, mostrando as diferenças, valorizando-as, fazendo do espaço escolar um lugar para o exercício de uma educação mais feliz para todos, onde valores e culturas existem com respeito e entendimento de ambas as partes. A escola deve ser um espaço de inclusão, onde, a direção da escola, professores e alunos estabeleçam um compromisso com base na coesão social, estes princípios devem ser transversais aos conteúdos de cada disciplina.

### 2.1.2 Etnocentrismo

Lévi-Strauss (2008) vê o etnocentrismo como uma das atitudes mais antigas do homem, pois ela estaria ligada em fundamentos psicológicos sólidos que constantemente reaparecem em todos nós quando somos colocados numa situação que nos causa medo e assombro.

Uma visão etnocêntrica demonstra, por vezes, desconhecimento dos diferentes hábitos culturais, levando ao desrespeito, depreciação e intolerância por quem é diferente, originando em seus casos mais extremos, atitudes preconceituosas, radicais e xenófobas.

Etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades. O termo é formado pela justaposição da palavra de origem grega "*ethnos*" que significa "nação, tribo ou pessoas que vivem juntas" e centrismo que indica o centro.

Em outras palavras: Etnocentrismo é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz ao mesmo tempo em que procura incutir, em seus membros, normas e valores peculiares. Se sua maneira de ser e proceder é a certa, então as outras estão erradas. Assim o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, que servem para aferir até que ponto são corretos e humanos os costumes alheios. Desse modo, a identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras.

### 2.2 O que são as diferenças?

Quanto à diferença, Silva (2000) propõe uma distinção entre diversidade e diferenças que consideramos especialmente oportuna para expressar a abordagem em que situamos a perspectiva intercultural:

Em geral, utiliza-se o termo [diversidade] para advogar uma política de tolerância e respeito entre as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a idéia de que a diversidade está dada, que ela pré-existe aos processos sociais pelos quais- numa outra perspectiva- ela foi, antes de qualquer outra coisa, criada. Prefere-se, neste sentido, o conceito de "diferença", por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo com relações de poder e autoridade. (p.44-45).

Nesse novo tempo, o que se espera da escola é que seus planos se definam por uma educação para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que se dispõe a reconhecer às diferenças, a interdependência, a complementaridade entre as pessoas.

### **2.2.1 Desigualdades Sociais**

O conceito de desigualdade social é um leque que compreende diversos tipos de desigualdades, desde desigualdade de oportunidade, resultado, etc., até desigualdade de escolaridade, de renda, de gênero, etc. De modo geral, a desigualdade econômica – a mais conhecida – é chamada imprecisamente de desigualdade social.

Ambas, desigualdade social e discriminação, se articulam no que se convencionou denominar “exclusão social”: impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e de participação na gestão coletiva do espaço público — pressuposto da democracia. Por esse motivo, já se disse que, na prática, o Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios. Os privilégios, por sua vez, assentam-se em discriminações e preconceitos de todo tipo: socioeconômico, étnico e cultural. Em outras palavras, dominação, exploração e exclusão interagem; a discriminação é resultado e instrumento desse complexo de relações. (PCN, 2001, p. 19)

Embora se trate de uma tarefa difícil é responsabilidade da sociedade, de uma forma geral, transformar as pessoas, diminuir as práticas racistas, superar o preconceito, construir e preservar valores que envolvam o respeito entre as pessoas, estabelecer as possíveis relações em meio às diferenças e todo esse processo também passa pela escola, pois como instituição que faz parte da sociedade, ela vive as práticas de discriminação e de desigualdade que promovem a exclusão das pessoas.

### **2.2.2 Diferenças Culturais**

As diferenças culturais apresentam-se de diversas formas, através de: seus valores, símbolos, regras, padrões, vestimentas, hábitos, costumes, etnias, etc. que se encontram sempre em processo de mudança, isso tudo aparece e é transmitido no agir cotidiano. Dentro das salas de aula não é diferente. O que observamos na escola, é que os professores não estão preparados para trabalhar com a diversidade cultural existente em suas salas de aula. Algo não muito novo para Philippe Perrenoud (2001:114) que afirma:

“não há dúvida de que os atuais sistemas de ensino continuam sendo incapazes de levar em conta as diferenças, a não ser para sancioná-las e transformá-las em desigualdades escolares e, depois, em orientações hierarquizadas”.

De acordo com o autor a falta do conhecimento por parte dos educadores em trabalhar as diferenças no âmbito escolar, pode contribuir para que os mesmos diferenciem seus próprios alunos e acabem contribuindo para que a discriminação se torne mais explícita. Em nossas observações, ficamos perplexos quando o fato das próprias educadoras rotularem os educandos que tem um bom desempenho, dos que não conseguem acompanhar a turma, desrespeitando as culturas existentes na escola e o pior, é que eles acabam fazendo com que essas crianças se excluam ou sejam excluídas do contexto escolar e social.

### **2.2.3 Etnia**

O conceito de etnia substitui com vantagens o termo “raça”, já que tem base social e cultural. “Etnia” ou “grupo étnico” designa um grupo social que se diferencia de outros por sua especificidade cultural. Atualmente o conceito de etnia estende-se a todas as minorias que mantêm modos de ser distintos e formações que se distinguem da cultura dominante. Assim, os pertencentes a uma etnia partilham da mesma visão de mundo. “Etnicidade” é a condição de pertencer a um grupo étnico. É o caráter ou a qualidade de um grupo étnico que frequentemente se autodenomina comunidade.

As diferenças raciais se constituem num dos grandes dilemas que, sem sombra de dúvidas, atravessa os períodos da evolução humana. Independentemente de ser de ordem física, social, cultural ou étnica ela sempre está presente para estigmatizar, rotular, marcar, elevando ou rebaixando pessoas.

## **2.3 Prática pedagógica**

A vida escolar brasileira é composta por várias histórias, diferentes famílias, cada um com sua peculiaridade, o que proporciona ao professor uma interação com os alunos, onde se pode criar um processo didático interativo em que um aprende com o outro. Porém, na maioria das vezes, isso acaba não acontecendo.

Em nossas observações no período de estágio a respeito da prática docente, percebemos a dificuldade do educador em articular, mediar e equilibrar certas situações, pois em geral, os

alunos negros, e os menos favorecidos eram discriminados, seja por apelidos, cor, vestimenta, aspectos físicos e estéticos, e simplesmente essas questões passavam despercebidas pelos educadores ou muitas vezes um pedido de desculpa forçado pelas professoras, era como se tudo tivesse resolvido. Mas de acordo com Imbernón (2001, p.39) ao falar de prática docente ele afirma que:

“o eixo fundamental do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência”.

Percebemos que a ação docente tem o papel primordial na luta quanto ao respeito às diferenças, bem como a reflexão de seus conceitos, é considerar que cada educando traz consigo especificidades e trabalhar o tema diversidade é de extrema importância. De acordo com o PCN (2001), cabe ao professor o papel de quebrar o trauma causado por muitos séculos de preconceito:

Aqui se coloca a sensibilidade em relação ao outro. Compreender que aquele que é alvo de discriminação sofre de fato, e de maneira profunda, é condição para que o professor, em sala de aula, possa escutar até o que não foi dito. Como a história do preconceito é muito antiga, muitos dos grupos vítimas de discriminação desenvolveram um medo profundo e uma cautela permanente como reação. O professor precisa saber que a dor do grito silenciado é mais forte que a dor pronunciada (p. 55).

No entanto esses problemas encontrados na escola só serão superados quando houver união entre educador, gestores e demais funcionários. Pois a função da escola é valorizar a diversidade na composição da identidade nacional e escolar, e desmistificar o mito da democracia racial em que são apresentados alunos de diferentes culturas como se fossem iguais, de modo que os alunos reconheçam o direito à diferença como constitutivo do direito à igualdade e respeito com o próximo.

### **3-Metodologia**

O estágio supervisionado II no ensino fundamental anos iniciais, no Centro Educativo “Nossa Senhora das Graças” foi dividido em quatro etapas. A primeira etapa constitui-se na observação dos seguintes aspectos: estrutural, conhecimento da clientela, da quantidade de professores e funcionários, das oficinas desenvolvidas como: crochê, ponto cruz, marcenaria, entalhe em

madeira, corte e costura reforço escolar, desenho em tela, pintura em tecidos, ou seja, foi o momento de conhecimento do campo de estágio.

A segunda etapa foi o momento de observação da prática, os métodos do professor em sala de aula a interação com os alunos e a metodologia do professor. A terceira etapa deu-se a partir da investigação das problemáticas do cotidiano escolar, através das conversas informais com os professores, com os alunos, pais, funcionários, onde foi identificada a questão problema, que foi trabalhado com a quarta etapa do estágio: a regência, com o tema Diversidade Cultural e a temática: “somos todos iguais ou somos diferentes?”, onde foram trabalhados os conteúdos das aulas de forma interdisciplinar sempre relacionando-os com a temática. E a quinta etapa foi o período de desenvolvimento da intervenção da problemática escolhida a ser trabalhada com os educandos no próximo estágio a ser realizado na própria instituição.

## **Docência**

A compreensão da relação entre teoria e prática, possibilita estudos e pesquisas que buscam perspectivas para uma nova concepção de estágio. Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim o estágio, se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a prática do curso. A observação como prática de docência, a vivência do cotidiano escolar e não-escolar para o bom exercício das atividades profissionais do estagiário, deve contar sempre com o professor orientador da escola de formação, para permitir que o projeto de estágio seja planejado, aplicado e avaliado, sendo assim, a docência (regência) será de acordo com a problemática de interesse de investigação do aluno durante as disciplinas de práticas pedagógicas, para realizar a prática de docência (regência).

## **Investigação**

O estágio supervisionado pode fornecer elementos para a construção de pesquisas e estudos científico-tecnológicos, uma vez que o acadêmico tem contato efetivo com seu campo de trabalho e com profissionais que experimentam cotidianamente os desafios da profissão docente e dos mecanismos de gestão. Assim, essa investigação pode envolver atividades de produção e difusão de conhecimentos do campo educacional em articulação com as práticas

pedagógicas e de pesquisa, neste caso, com o objetivo de apoiar as práticas educativas em contextos escolares e não escolares.

O Parecer (CNE/CP 05/2005, de 13/12/2005), orienta que as investigações levem à produção e divulgação de conhecimentos sobre: alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências; processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambientais e ecológicos; propostas curriculares; organização do trabalho educativo; práticas pedagógicas; processos educativos e de gestão em diferentes situações institucionais: escolares, comunitárias, assistenciais, empresariais e outras; processos de formação e das lutas históricas nas quais se incluem a dos professores; como as crianças aprendem nas diversas etapas do desenvolvimento, especialmente as de zero a três anos, em espaços diversos dos da família.

### **Intervenção**

A intervenção é um momento de ser trabalhada a problemática que foi identificada e será realizada na próxima etapa do estágio, que será realizado na própria escola.

Desse modo todas as inquietações observadas no período de estágio poderão ser melhor articulados dentro do processo de ensino aprendizagem.

### **4- Análises e discussões dos resultados**

Durante o período de observação no Centro Educativo “Nossa Senhora das Graças”, situada a rua Romualdo Correa, nº 3714- Bairro de Itaúna-II na cidade de PARINTINS- AM, podemos notar que a instituição está inserida numa área periférica da cidade, é de fácil acesso, tem como principal referencia a igreja de São Sebastião, uma vez que ela se localiza no mesmo terreno. O acesso ao comércio nesse local é bastante ostensivo, tem de tudo um pouco. A escola está localizada em uma das ruas mais movimentadas do bairro. Tem como mantenedoras a Diocese de Parintins, por meio dos padres italianos e a Prefeitura Municipal de Parintins.

O ambiente da escola não é adequado ao perfil climático da região, haja visto que nosso clima é muito quente e a escola não possui ventilação adequada, as crianças sofrem muito com o calor.

O Centro Educativo Nossa “Senhora das Graças” é presente no atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco social. É um Centro socioeducativo que desenvolve atividades de apoio às crianças e adolescentes no horário alternativo a escola.

Durante o período de observada da prática do professor em sala de aula em relação aos educandos constatou-se que muitas vezes os professores estão mais preocupados em transmitir conteúdos, muitas vezes de forma rotineira e exaustiva, deixando a aprendizagem dos educandos comprometida e levando a um auto índice de desinteresse de aprender por parte dos alunos. Algo não muito novo para Candau (1999, p. 207):

“[...] há uma grande preocupação por parte dos autores com o preparo do professor ou futuro professor para lidar com o aluno das camadas populares que, em geral, não domina a linguagem utilizada na escola, sente-se alheio às suas regras e à sua organização e, como agravante, não dispõe em casa de um ambiente e de uma estrutura que favoreçam a sua permanência na escola, enfim, que atuem em consonância com a instituição”.

Outro ponto que merece destaque foi à dificuldade que o professor tem em trabalhar os temas transversais como a diversidade cultural, pois percebemos que na maioria das vezes quando um educando chama para outro de “*seu preto, seu negro, seu índio, sua pançuda, sua crente, sua burra, seu pernetta, etc.*”, essas questões são apenas relevadas naquele momento ou deixadas para serem resolvidas no outro dia, o que por muitas acabam sendo esquecidas. E pelo fato de a diversidade não ser trabalhado pelos professores corretamente, os educandos acabam por não respeitar as diferenças étnicas, sociais, e culturais, físicas, suscitando muitas vezes dentro do recinto escolar a violência.

Diante das observações realizadas, das dificuldades enfrentadas dentro do contexto escolar, conversas informais com os funcionários, alunos e professoras, e a participação nas aulas, as questões que mais nos chamaram atenção estão relacionadas às diferenças: sociais, culturais, étnicas, e a desvalorização do diferente, o que nos levou a refletir e trabalhar durante o período de regência a temática “Somos todos iguais ou diferentes?” na semana da regência dos estagiários. Durante esse período todas as atividades realizadas foram trabalhadas de forma interdisciplinar, levando em conta o planejamento dos professores e tendo como foco relaciona-los com a temática das aulas, sem deixar de trabalhar a cada dia um aspecto da Diversidade Cultural, fazendo com que não só as crianças, mas, os professores vissem como é importante saber que somos diferentes, fazemos parte das histórias de povos que muito contribuíram para o desenvolvimento de nossa cultura, do nosso meio de vida, etc., e iguais ao

mesmo tempo, sem distinções de cor, sexo, aparências físicas, etc. cada um com suas peculiaridades.

Esse foi o momento de colocarmos nossas observações em confronto com a realidade que vivenciamos na escola, e tentarmos desmistificar padrões já pré-estabelecidos dentro da própria escola.

Podemos constatar que trabalhar a diversidade humana é algo fantástico e promissor se for levado em conta à realidade de cada aluno, de cada povo e suas particularidades para entender toda a imensidão de um grande e múltiplo universo. Trabalhar o tema na escola foi e é importante, notamos que no decorrer das aulas não só os alunos, mas, as professoras puderam observar e acrescentar seus pontos de vistas sobre as questões trabalhadas, e acima de tudo nossos objetivos foram cumpridos, pois as mudanças começaram a ocorrer dentro das próprias salas de aula. Sendo assim, o estagio nos propiciou um novo olhar sobre a escola que temos e a escola que queremos.

### **Considerações finais**

O presente artigo veio abordar inquietações encontrados dentro do ambiente escolar tais como: preconceito, discriminação e violência, a qual devem ser olhados com mais carinho e atenção pelos nossos educadores e demais funcionários da escola, pois não adianta ter projeto na escola se os educandos continuam sofrendo as diversas formas de preconceitos existentes.

Outro aspecto relevante foi observar como os educadores e educadoras ficam perplexos/as e muitas vezes são impotentes a situações que estão sempre acontecendo, mas que passam despercebidas.

Deste modo algumas iniciativas devem ser tomadas, principalmente por parte do professor, pois na maioria das vezes cabe a eles solucionar esses problemas dentro de sala de aula, pois as conversas e pedidos de desculpas não resolvem mais, pelo contrario, acabam muitas vezes agravando situações que podem ser trabalhadas de forma mais eficazes sendo relacionadas aos conteúdos abordados dentro de sala.

Promover espaços participativos é educar para a vida. Somente assim será possível o respeito e a valorização das diferenças presentes em nossas escolas. Se isso não acontecer, alguém será excluído, e esse alguém com certeza será o mais fraco. Isso é um desafio e um compromisso da escola para a formação de uma sociedade democrática, justa, igualitária e solidária.

## Referencias

CANDAU, **Cadernos de Pesquisa**, nº 108, novembro/1999.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional - formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

GONÇALVES, C.L. e PIMENTA, S.G. **Revendo o ensino de 2º grau, propondo a formação do professor**. São Paulo: Cortez, 1990.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça em História**. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

LOPES, N; **O RACISMO explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro; Agir; 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Produção de conhecimentos para a abertura das escolas às diferenças: a contribuição do LEPED/Unicamp**. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Faculdade de Educação. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Diversidade - LEPED/ Unicamp.

**Manual de Orientação do Estágio Supervisionado**. Pedagogia 2010. ICSEZ- UFAM.

Parâmetros Curriculares Nacionais; **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Ministério da Educação; 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma G. & LIMA, Maria Socorro L. **Estágio e docência**. São Paulo. Cortez Editora, 2004.

**Programa Ética e Cidadania: construindo valores na escola e na sociedade** : relações étnico raciais e de gênero / organização FAFE – Fundação de Apoio à Faculdade de Educação (USP), equipe de elaboração Ulisses F. Araújo... [et al.]. –Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

Silva, T. T. da (org.) (2000). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes.

VERANI, Cibele Barretto Lins. 1990. **A doença da Reclusão do Alto Xingu: um estudo de caso de confronto cultural**. Dissertação de Mestrado não publicada. Rio de Janeiro, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.

PERRENOUD, P. (1997) Como se aprende o ofício de aluno?. In: PERRENOUD, P. **O ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto, Portugal: Porto Editora.